



# Quando o corpo fala: mapeamento de gestos emblemáticos na *Comunidade de Prática Quilombola Castainho, Garanhuns – PE*

Paulo Henrique Alves da Silva <sup>1</sup>  
Fernando Augusto de Lima Oliveira <sup>2</sup>  
Thaise dos Santos Tenório <sup>3</sup>

## RESUMO:

A presente pesquisa estuda a descrição dos gestos emblemáticos em um contexto intracultural. Os emblemas são os tipos de gestos que podem ser realizados com ou sem a presença da fala, pois apresentam significação própria e podem funcionar como um enunciado (KENDON, 2004). Esta pesquisa está embasada na teoria da Sociolinguística Cognitiva, vertente linguística que emerge da necessidade de se reconhecer a natureza socialmente interativa da linguagem e que está interessada em estudar as múltiplas relações conceituais existentes entre linguagem e cultura (SILVA, 2009). Portanto, o objetivo deste trabalho é catalogar e organizar, em forma de banco de dados, os gestos emblemáticos realizados no Português Brasileiro ainda não descritos nem categorizados nos estudos de gestos. A proposta metodológica é inspirada nos trabalhos desenvolvidos por Matsumoto e Hwang (2013), que catalogam e comparam os gestos emblemáticos entre diferentes grupos culturais. O corpus deste trabalho é formado por 25 gestos de maior frequência de ocorrência no Português Brasileiro, cujo significado e contexto de uso foram avaliados metalinguisticamente por 08 falantes oriundos da comunidade de prática Quilombola Castainho, em Pernambuco. Os resultados obtidos nos mostraram que existem variantes para um dado gesto, ou seja, emblemas diferentes assumindo um mesmo significado. Além disso, foi possível verificar que há diferentes significações atribuídas a um mesmo gesto; registramos 109 variantes e 50 variações de significado, respectivamente. Por fim, a disponibilização do banco de dados, que contém todos os registros, possibilita o desenvolvimento de futuros trabalhos sobre os gestos emblemáticos, o que contribui para a inserção de mais um tema relevante de pesquisa dos estudos descritivistas.

## PALAVRAS-CHAVE:

Sociolinguística Cognitiva;  
Linguagem Gestual;  
Gestos Emblemáticos;  
Análise intracultural;  
Comunidade de Prática.

<sup>1</sup> Graduado em Letras – Língua Portuguesa e suas literaturas pela Universidade de Pernambuco (UPE/Garanhuns). Professor de Língua Portuguesa pela Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco (SEE/PE)

<sup>2</sup> Professor Associado e Livre Docente da Universidade de Pernambuco. Realizou Estágios Pós-Doutorais na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e na Universidade Federal do Pará - bolsa de Pós-Doutorado Júnior (PDJ/CNPq). Doutor e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas.

<sup>3</sup> Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. Mestra em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas.

## 1 Introdução

Não raro pode-se pensar em diversas situações nas quais os indivíduos, durante uma atividade comunicativa, gesticulam ao falar. Seja para ajudar na transmissão da mensagem verbal, seja para transmitir uma mensagem por si só, a utilização de gestos durante a comunicação é uma atividade corriqueira para os falantes e os seus usos podem assumir diversas funções e significações a depender do local de interação ou das intenções dos falantes. Analisar e entender quais fatores influenciam no processo de construção e de significação dos gestos, emerge, portanto, como algo necessário nos estudos linguísticos contemporâneos.

Este estudo está embasado em pesquisas que analisaram a utilização de gestos em comunidades interculturais, especialmente nos trabalhos desenvolvidos por Matsumoto e Hwang (2013). Os participantes dessa pesquisa, oriundos de diferentes continentes, foram recrutados para que pudessem observar e avaliar os emblemas correspondentes à região em que nasceram e cresceram. Os resultados obtidos evidenciaram diferenças culturais no uso dos gestos emblemáticos, com a elaboração de três categorias pelos autores: a) gestos diferentes para um mesmo significado; b) um mesmo gesto assumindo significados diferentes e; c) presença de gestos emblemáticos particulares a uma dada cultura e sem registro em outra cultura.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa se propõe a verificar se a categoria porposta por Matsumoto e Hwang (2013), utilizada em um contexto intercultural, também é aplicada a um contexto intracultural, ou seja, em comunidades de prática dentro de um mesmo país, a saber: na Comunidade Quilombola Castainho, localizada em Garanhuns, no agreste pernambucano.

Tendo em vista a necessidade de estudos mais fecundos sobre os aspectos semânticos e interacionais dos gestos, mais especificamente os que ocorrem independentemente da fala, que são cristalizados socialmente, esta proposta tem por objetivo principal catalogar e organizar em forma de banco de dados os gestos emblemáticos no Português Brasileiro (PB) ainda não descritos, nem categorizados nos estudos de gestos. Ademais, como objetivo complementar, mas necessário, constituir *corpora* multimodais regionais de gestos emblemáticos. Especificamente, esta proposta prevê ainda: a) Verificar se a categorização de gestos de Matsumoto e Hwang (2013) é aplicada aos gestos emblemáticos identificados na comunidade de prática investigada; b) Identificar a existência de gestos emblemáticos diferentes para um mesmo significado em função da comunidade de prática investigada: quilombola e c) Identificar a existência de um mesmo gesto emblemático assumindo significados diferentes em função da comunidade de prática investigada: quilombola.

Além disso, o Brasil necessita aumentar seu quadro de especialistas na área dos estudos sociolinguísticos, numa perspectiva multimodal, como investigação sobre o uso dos gestos emblemáticos no Português Brasileiro (PB), por exemplo, para ganhar mais notoriedade no cenário internacional. Aí reside a importância de pesquisas científicas sobre a temática, o que possibilita adentrar na esfera acadêmica, mediante a descrição de uma temática inédita aos estudos linguísticos brasileiros.

Assim, o potencial impacto dos resultados desta proposta se verifica principalmente no âmbito da disseminação de novos estudos intraculturais acerca de gestos emblemáticos do PB. Mais do que analisar a gestualidade de cada grupo, acredita-se que este estudo tem impacto social e ambiental, uma vez que diversas comunidades quilombolas encontram-se fragilizadas pelo contato, assim como a manifestação do preconceito linguístico e social com grupos considerados minoria.

Descrever o caráter variacional dos gestos simbólicos em uma perspectiva intracultural é de extrema importância para a complementação e a ampliação dos estudos linguísticos no Brasil e no exterior. Ademais, cabe ressaltar que a descrição e os resultados obtidos e divulgados contribuirão para a divulgação das pesquisas descritivistas desenvolvidas no Brasil.

## 2 Gestos Emblemáticos e perspectivas teóricas

Os gestos estão intimamente relacionados com a cultura do falante e com sua experiência individual. Além disso, a maioria dos gestos na linguagem são realizados de maneira inconsciente pelo indivíduo e emprega conhecimento relacionado às experiências vividas. Sendo assim, o ser humano faz uso dos elementos gestuais visando atender às necessidades da língua e da cultura pelas quais eles emergem (Everett, 2019). Nesse sentido, mostra-se necessário discutir a literatura em torno dos emblemas e considerar, ainda, os contributos que a Linguística Cognitiva e a Sociolinguística Cognitiva têm para os estudos dos gestos.

Lascarides e Stone (2009), ao fazerem uma análise semântica formal dos gestos, apresentaram diferentes maneiras de classificá-los. Embora haja inúmeras nomenclaturas, eles podem, basicamente, ser categorizados em dois tipos: os ilustradores (*illustrators*) e emblemáticos (*emblematics*). Os primeiros co-ocorrem com a fala e fornecem uma imagem visual para o enunciado verbalmente produzido. Diferentemente dos emblemáticos, os gestos ilustradores são menos conscientes. Os emblemáticos (gestos simbólicos ou gestos emblemáticos), por sua vez, podem ocorrer independentemente da fala, veiculam mensagens sem quaisquer representações verbais; são, portanto, elementos versáteis cujas realizações podem ocorrer com ou sem o uso da fala. De acordo com a escala desenvolvida por Lascarides

e Stone (2009), os gestos emblemáticos possuem um caráter quase linguístico, sendo essa a razão pela qual esses gestos são úteis no contexto interacional, com ampla existência intercultural, mas também, intraculturalmente.

Para Kinsbourne (2006), os gestos refletem o ato de pensar ou o pensamento, classificando-os como uma forma de cognição corporificada. Nesse sentido, podemos considerar que há uma relação de interdependência entre a linguagem e o uso de gestos. Tanto o falante quanto o ouvinte têm as mesmas mobilizações cerebrais para codificação e decodificação da linguagem. Ou seja, quando produzimos ou compreendemos (no sentido de ouvir) a língua, algumas zonas da parte motora do cérebro também são ativadas.

Os emblemas e a fala são estabelecidos socialmente (Lascarides e Stone, 2009); todavia, Pettenati *et al.* (2012) consideram que os gestos são inerentes ao ser humano. Em seu estudo, as crianças cegas, por exemplo, usam gestos ao se comunicarem. Liberal *et al.* (2004) e Tomasello *et al.* (1997), ao estudarem a comunicação social em siamangs (*symphalangus syndactylus*), verificaram que os chimpanzés utilizam gestos para efetivarem a sua comunicação. Assim, enquanto a comunicação é uma habilidade universal, as formas específicas pelas quais essa comunicação ocorre podem ser diferentes: verbal ou não verbal. Para Xu *et al.* (2009), há um sistema neural comum que processa gestos e fala. Dessa forma, assim como as palavras, os gestos são parte integrante das mensagens verbais.

A literatura da área registra várias pesquisas desenvolvidas sobre os gestos em inúmeras comunidades culturais (McNeill e Levy, 1985; Goldin-Meadow, 1999; Kendon, 2004; Lindenberg; Uhlig; Scherfeld; Schlaug e Seitz, 2012; Matsumoto e Hwang, 2013). Para McNeill e Levy (1985), os gestos carregam estruturas informacionais, pelas quais os indivíduos, na enunciação, apresentam informações. Ou seja, os elementos gestuais possibilitam uma melhor interação, o que contribui na compreensão, isto é, na manutenção da intersubjetividade.

Goldin-Meadow (1999) considera os gestos como propulsores do ato de fala, já que podem carregar informações que não constam na asserção verbal. Kendon (2004) estabeleceu as bases teóricas e metodológicas para o estudo da multimodalidade. Para ele, os gestos permitem ao interlocutor compreender o enunciado de forma mais efetiva. Além do mais, considera que os falantes, na interação, usam os gestos para fazerem referências dêiticas: mostrar objetos, ações e expressar características da organização da fala.

O trabalho desenvolvido por Lindenberg; Uhlig; Scherfeld; Schlaug e Seitz (2012) está caracterizado em uma perspectiva mais cognitiva, já que os gestos possibilitam aos indivíduos transmitir suas necessidades comunicativas, tais como representação de pensamentos e emoções. Nesse sentido, os gestos, quando produzidos, acionam zonas cerebrais responsáveis pelo controle da parte sensório-motora; e, ao serem decodificados pelo destinatário, acionam a área da linguagem.

Para captarem os correlatos neurais, foram realizadas ressonância magnética ao mesmo tempo em que os indivíduos assistiam vídeos de gestos emblemáticos. Os participantes, durante a coleta de dados, foram solicitados a assumirem duas perspectivas: a) a do abordador, quando passam a imaginar e a executar os gestos (“expression” condition); e, b) a do destinatário, ao imaginar ser confrontado com os gestos (“reception” condition). Os resultados evidenciaram que há uma dissociação em representações do processamento de gestos emblemáticos entre o endereçador e o destinatário, além de componentes neurais que, ao serem ativados, acionam a área da linguagem.

Matsumoto e Hwang (2013) catalogaram e compararam os emblemas entre diferentes grupos culturais a uma lista padrão de mensagens verbais. Os resultados obtidos evidenciaram diferenças culturais no uso dos gestos emblemáticos com a elaboração de três categorias pelos autores: a) gestos diferentes para um mesmo significado; b) um mesmo gesto assumindo significados diferentes e; c) presença de gestos emblemáticos particulares a uma dada cultura e sem registro em outra cultura.

Estudos integralizando a fala com a gestualidade constituem uma vertente inovadora na área da Linguística (Matsumoto e Hwang, 2013; Pettenati *et al*, 2012; Liberal *et al*, 2004; Tomasello *et al*, 1997; Poortinga *et al*, 1983; Morris *et al*, 1980; Brooks, 2004; Johnson *et al*, 1975; Kita, 2009; Broid, 1997; Sparhawk, 1976; Poggi, 2002; Kendon, 1992; 1995; 2004), o que nos motiva a investigar e a entender melhor os gestos, especialmente os que ocorrem independente da fala no âmbito intracultural, já que grande parte dos trabalhos estuda a relação gesto-fala por meio de análises em interações interculturais.

É pertinente salientar que a utilização de gestos durante a comunicação é uma atividade corriqueira para os falantes e que os seus usos podem assumir diversas funções e significações a depender do local de interação ou das intenções dos falantes. Como mencionado anteriormente, estudar e entender como a significação para esses gestos é construída, emerge, portanto, como algo necessário nos estudos linguísticos contemporâneos.

## **2.1 O social e o cognitivo nos estudos da linguagem: um percurso histórico**

É consenso entre os pesquisadores da área que os estudos de cunho linguístico ganharam uma maior notoriedade e aprovação da ciência com a publicação do Curso de Linguística Geral, organizado pelos discípulos de Saussure, em 1916. Com o passar dos anos, novas teorias para explicar a língua ganham espaço. Noam Chomsky surge, nesse contexto, trazendo a noção de que o fator responsável pela linguagem é inato, consolidando, desse modo, a Teoria Gerativa.

Conforme argumentado por Silva (2009b), tanto Saussure quanto Chomsky, ao postularem suas teorias, desconsideraram a indissociabilidade existente entre o fator

cognitivo e o fator social. Ao analisar a dicotomia *langue x parole*, entende-se que Saussure define *langue* como sistema social, como um conjunto de convenções partilhado entre os membros de uma comunidade. Por outro lado, o conceito de *parole* é postulado como uma atividade psicológica própria do falante, que consiste na utilização prática dos códigos de uma língua. Ao estabelecer essa dicotomia, o mestre genebrino deixa de considerar um importante fator na concepção da linguagem: qual o elemento responsável por estabelecer a conexão entre o social e o psicológico, entre a comunidade e o indivíduo, entre o código e o seu uso? Nesse sentido, Saussure concebe o social sem o cognitivo (Silva, 2009b).

A resposta à pergunta anterior é desenvolvida, então, com a dicotomia formulada por Chomsky, *competência* e *performance*, especialmente no que se refere ao primeiro conceito. Como a *performance* pode ser essencialmente comparada ao que Saussure chamou de *parole*, é o conceito de *competência* que vem dar conta da questão anteriormente apresentada. Compreendida como a gramática interna do falante, como o “conhecimento linguístico inconsciente que o falante possui da sua língua” (Kenedy, 2018, p.133), o conceito de *competência* torna-se, assim, o responsável por estabelecer a ponte entre o código social e o uso individual. Porém, ao mesmo tempo em que resolve a questão deixada por Saussure, Chomsky deixa de fora os aspectos sociais da linguagem, concebendo, assim, o cognitivo sem o social (Silva, 2009b).

Nesse cenário, novas abordagens ganham espaço, entre elas a Sociolinguística, cujo maior precursor é William Labov (1972), representante da vertente da Sociolinguística Variacionista. Dentre os seus principais trabalhos, a publicação da obra *Padrões Sociolinguísticos* (1972) foi determinante para a solidificação da sociolinguística enquanto ciência e serviu como base para diversos outros estudos da língua em contexto social (Cavalcanti; Martins, 2021). A Sociolinguística surge em um cenário cujos estudos da linguagem eram dissociados do aspecto social. Em contraponto a isso, ela busca analisar a língua em seus usos reais, levando sempre em consideração os aspectos sociais e culturais de uma dada Comunidade de Fala (CF). Essa área de estudos concebe a variação como algo inerente à língua e, portanto, natural (Cezario e Votre, 2018).

As variedades linguísticas são delimitadas não pelo indivíduo, mas pela CF da qual ele faz parte, uma vez que a língua não é propriedade individual, mas coletiva (Coan; Freitag, 2010. p 175). O termo Comunidade de Fala foi definido por Labov (2008 [1972]) como um grupo de pessoas que compartilham traços linguísticos em comum, traços que permitem distinguir o seu grupo linguístico de outros. Assim, entende-se que cada CF possui formas específicas para se comunicar, cabendo, portanto, à sociolinguística estudar empiricamente essas comunidades e as suas variantes.

Essa vertente de estudos considera, desse modo, língua e cultura como elementos indissociáveis, analisando sempre as influências que os fatores linguísticos

(aspectos de natureza fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, discursivas e lexicais) e extralinguísticos (etnia, escolaridade, sexo, renda) exercem sobre a fala. Com isso, procura-se identificar aqueles fatores que influenciam a escolha de uma ou outra variante linguística. Para Silva (2014, p. 45), “[...] esse modelo teórico-metodológico rompe com as correntes anteriores (estruturalismo e gerativismo) que analisavam a língua como uma estrutura homogênea, resultante da aplicação de regras categóricas, passíveis de serem estudadas fora de seu contexto”.

É importante compreender, ainda, que, conforme os estudos de Coelho *et. al* (2015), esse campo de pesquisa não é o único que busca analisar a relação existente entre língua e sociedade. Existem, inclusive, diferentes formas de olhar para essa relação dentro da própria sociolinguística. É o caso, por exemplo, da Sociolinguística Cognitiva (Kristiansen & Dirven, 2008), vertente que, além de dar enfoque aos fenômenos linguísticos ancorados numa prática real de comunicação, busca fazê-lo a partir da intersecção teórico-metodológica existente entre a Linguística Cognitiva e a Sociolinguística.

A aproximação da ciência sociolinguística com o cognitivismo vem dar conta dos lapsos teóricos que consideravam o cognitivo sem o social ou o social sem o cognitivo nos estudos da linguagem. Apesar da pertinente consideração do contexto de fala na análise linguística, a Sociolinguística laboviana ainda não é a teoria mais completa para dar conta do aspecto cognitivo com o social. Assim, a associação da Linguística Cognitiva com os estudos variacionistas dá luz a uma nova vertente, a Sociolinguística Cognitiva, que surge com a proposta de preencher essa lacuna, abordando o cognitivo e, ao mesmo tempo, o social nos seus estudos. Para compreendermos os pressupostos essenciais da Sociolinguística Cognitiva, faz-se necessário, primeiramente, revisitarmos algumas das principais características da Linguística Cognitiva.

## 2.2 Linguística Cognitiva

A Linguística Cognitiva (LC) apresenta, desde o seu surgimento, uma oposição teórica a alguns dos principais conceitos abordados na teoria gerativa. Configura-se fato inegável a contribuição de Chomsky ao demonstrar a importância dos fenômenos cognitivos para a compreensão da linguagem, ou seja, o modo como a nossa mente interage com o meio que nos circunda. Entretanto, toda essa definição ficou limitada a questões relacionadas ao desenvolvimento de uma capacidade puramente biológica, deixando de lado os aspectos sociais e interativos, ou seja, relegando a segundo plano os usos concretos da língua em contextos reais de comunicação.

Assim, para Chomsky, existe um falante/ouvinte ideal pertencente a uma comunidade linguística ideal. Tal assertiva vai de encontro ao que defende a Linguística Cognitiva, perspectiva que considera o falante não como um mero manipulador de

regras preestabelecidas, mas como um produtor de significados em situações reais e que interagem com interlocutores reais (Martelotta; Palomanes, 2018).

Outro ponto importante para a Teoria Gerativa, conforme Martelotta e Palomanes (2018), é a consideração da modularidade da mente. De acordo com esse princípio, a mente é composta por módulos ou partes, sendo cada uma dessas partes responsáveis pelo desenvolvimento de uma determinada forma de conhecimento, como a faculdade da linguagem, por exemplo. Para os cognitivistas, entretanto, a linguagem não é considerada um elemento autônomo da mente, tampouco é dissociada de outras formas de conhecimento do mundo.

Duque e Costa (2012, p. 61), em consonância com essa perspectiva, afirmam que “as faculdades cognitivas não são separadas: a linguagem não constitui um módulo inato, separado de outras capacidades cognitivas do ser humano”. Pelo contrário, de acordo com o que defende a Linguística Cognitiva, o que há é uma visão integradora acerca do fenômeno da língua, sendo ela, não independente de outras faculdades mentais. A respeito disso, Martelotta e Palomanes (2018, p. 179) acrescentam:

Em termos mais específicos, podemos dizer que, de um modo geral, a proposta cognitivista leva em conta aspectos relacionados a restrições cognitivas que incluem a captação de dados da experiência, sua compreensão e seu armazenamento na memória, assim como a capacidade de organização, acesso, conexão, utilização e transmissão adequada desses dados.

Os autores consideram, ainda, que tais aspectos só são concretizados no meio social e não refletem unicamente o funcionamento da nossa mente, ou seja, há uma relação sistematicamente interdependente entre a linguagem, o pensamento e a experiência (Martelotta; Palomanes, 2018).

Ferrari (2018) argumenta também que a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição. Em outros termos, o cognitivo é o elemento responsável por estabelecer a ponte entre o indivíduo e a comunidade. Desse modo, o significado não pode ser entendido como um reflexo da realidade, mas “como uma construção cognitiva através da qual o mundo é apreendido e experienciado. Sob essa perspectiva, as palavras não *contêm* significados, mas orientam a construção do sentido” (Ferrari, 2018, p. 14). A linguagem, então, na perspectiva da Linguística Cognitiva, é considerada um fenômeno responsável por organizar, processar e transmitir informações a partir da nossa experiência e do contato que fazemos com o meio social.

Em consonância com os pressupostos teóricos do cognitivismo linguístico, os usuários da língua são considerados protagonistas no processo de construção do significado. Dessa forma, seria incoerente desconsiderar o falante e o ouvinte do fenômeno de significação. Logo, a significação é negociada pelos interlocutores, o que

torna possível as variações e as flutuações de sentido (Martelotta; Palomanes, 2018). Ainda acerca dessa característica, Geeraerts (2008) acrescenta que o significado linguístico é mutável e dinâmico, pois está pautado nas experiências e mudanças que ocorrem no mundo.

No que tange à concepção teórica da Linguística cognitiva, Silva (2008) elenca quatro conceitos/características fundamentais. O primeiro, é que a LC é *um modelo orientado para o significado*. Entende-se significado como conceptualização, conceito importantíssimo para os estudos cognitivistas e para a construção deste trabalho. Conceptualizar, nessa perspectiva, é atribuir conceito, atribuir significação aos termos. Nesse sentido, nas palavras de Iagallo (2017), “conceptualizar é imaginar, pensar, inteligibilizar a informação com base em conceptualizações pré-definidas social, cultural e linguisticamente”. Logo, a conceptualização é a forma como o significado é construído via linguagem. Essa conceptualização pressupõe, necessariamente, a consideração da variação sociolinguística, uma vez que a atribuição de significado é dotada de uma natureza perspectivista (Langacker, 1987 e Talmy, 2000), ou seja, depende de como o indivíduo concebe o mundo que o cerca, a partir de determinada perspectiva e de perspectivas alternativas. Esses argumentos potencializam e naturalizam a variabilidade existente no processo de conceptualização.

Outro conceito relevante concernente à LC é ela ser *um modelo experiencialista*, o qual deve levar em conta todas as dimensões experienciais mediadas pela e na linguagem. Devemos considerar, portanto, não só o aspecto individual, mas todas as dimensões de experiência coletiva, social e cultural, assim como as diferenças interculturais e entre grupos sociais (Silva, 2009b). Tal princípio perpassa pelo conceito de que o pensamento e a linguagem são corporificados (Lakoff; Johnson, 1999).

A terceira característica da LC é ser *um modelo baseado no uso*. Partindo desse pressuposto, podemos pontuar que a variação linguística é um objeto de investigação inevitável aos estudos cognitivistas, uma vez que uma comunidade linguística, por representar linguisticamente os seus falantes, com todas as suas individualidades e diferenças, nunca é homogênea. Desse modo, um modelo baseado no uso deve considerar sempre a variação, pois a variação é consequência direta do uso da língua em situações reais de comunicação.

Por fim, mas não menos relevante, a LC é *um modelo recontextualizador da gramática*, conforme o princípio do não-objetivismo, pois deve observar os variados contextos situacionais, linguísticos e sociais da realização da fala, “[..] reintroduzindo no estudo da linguagem as várias dimensões contextuais retiradas da gramática pelos movimentos autonomistas do século passado” (Cavalcanti; Martins, 2021, p. 166). Os quatro pontos apresentados abrem margem para o surgimento de um modelo linguístico que vai do psicológico ao social, um modelo que considera a variação sociolinguística como fenômeno indissociável dos estudos de cunho cognitivistas, a saber: a Sociolinguística Cognitiva.

Desse modo, é importante enfatizar que o social e a variação linguística ocupam importante papel nos estudos cognitivistas desde o seu surgimento. Os modelos cognitivos culturais, também denominados modelos culturais ou teorias populares, são representados, principalmente, nos trabalhos reunidos por autores como Holland & Quinn (1987), Lakoff (2003), Dirven *et al* (2003). A variação linguística, por seu turno, tem recebido grande destaque nas perspectivas diacrônica, tipológica e psicolinguística, mas, sob o olhar da Linguística Cognitiva, tem sido menos estudada na perspectiva intralinguística, tendo como representantes os estudos de variação lexical (Geeraerts *et al*, 1999) e de variação fonética (Kristiansen, 2003). Embora com menor destaque, foram os trabalhos organizados por Kristiansen e Dirven (2008) que deram espaço à Sociolinguística Cognitiva. Em complemento, Silva (2009b, p. 518) argumenta:

Mais centrada na variação lectal, a Sociolinguística Cognitiva procura, no entanto, integrar as linhas anteriores de investigação socialmente orientada, examinando as correlações existentes entre variação linguística e modelos culturais, a variação linguística e a diversidade social e cultural, a variação linguística e ideologias e incluindo as questões de política da língua.

Em suma, é possível elencar os três principais campos de investigação em Sociolinguística Cognitiva, são eles: (I) a variação intralinguística, (II) a variação interlinguística e (III) modelos cognitivos culturais e ideologias, sendo o primeiro um ponto central nos estudos mais recentes no enquadramento da Linguística Cognitiva. A seguir, apresentamos os principais pressupostos dessa emergente vertente de estudos de cunho cognitivista.

### 2.3 Sociolinguística Cognitiva

A Sociolinguística Cognitiva, a qual foi institucionalizada recentemente como uma extensão e linha de investigação da Linguística Cognitiva, nos volumes organizados por Gitte Kristiansen e René Dirven, intitulado *Cognitive Sociolinguistics: Language Variation, Cultural Models, Social Systems* (Kristiansen; Dirven, 2008). Essa concepção teórica emerge da necessidade de se reconhecer a natureza socialmente interativa da linguagem e revela como internamente se relacionam as manifestações da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento mental, de influências da experiência e do contexto.

Silva (2009b) traz contribuições pertinentes sobre a Sociolinguística Cognitiva, ao passo que questiona qual o diferencial dessa emergente vertente de estudos bem como quais os contributos que ela pode oferecer às investigações sociolinguísticas em geral. Para dar conta do questionamento, ele elenca três pontos. Em primeiro lugar, deve-se considerar *a natureza cognitiva dos fenômenos variacionais*, especialmente no

que se refere à aplicação de modelos cognitivos já existentes nos estudos de variação linguística. É o caso, por exemplo, da abordagem da variação fonética, pela teoria do protótipo (Kristiansen, 2003). Em segundo plano, a abordagem da *cognição social*, principalmente no que tange à interação dialética entre o nível individual cognitivo e o lado social das normas coletivas. Por fim, o desenvolvimento de métodos quantitativos baseados em *corpora* e de métodos de análise multivariacional do imbricamento de fatores conceituais, discursivos e variacionais das manifestações linguísticas.

Por sua vez, Kristiansen e Dirven (2008) explicam o porquê de se institucionalizar uma Sociolinguística Cognitiva e elecam quatro pontos. Primeiramente, porque busca reunir estudos sociocognitivos desenvolvidos no âmbito da Linguística Cognitiva, mas que ainda estão fragmentados. Em segundo plano, para se estabelecer um vínculo interdisciplinar entre a Sociolinguística e a Linguística Cognitiva. A outra justificativa recai em torno da necessidade de integrar a variação linguística no escopo teórico dos estudos cognitivistas com um modelo baseado no uso. A esse respeito, os autores explicam que há uma tendência generalizada dentro da Linguística Cognitiva para estudos baseados na produção escrita de variedades padronizadas, mas uma vertente de estudos verdadeiramente baseada no uso não pode ignorar a variação quantitativa e qualitativa a ser encontrada dentro das variedades padrão e não-padrão de uma língua. Em outras palavras, uma linguística baseada no uso precisa considerar como base de sua investigação a linguagem como ela realmente é usada pelos falantes, em situações reais e em um momento histórico específico. Por fim, a quarta justificativa para a institucionalização de uma linguística Sociocognitiva é a garantia da “dimensão social da recontextualização da descrição linguística operada pela Linguística Cognitiva” (Silva, 2009, p.193).

A análise da Sociolinguística Cognitiva exige a adoção de uma metodologia empírica, pois, de acordo com Silva (2009b), não se pode ter uma linguística baseada no uso se não houver um estudo do uso efetivo da língua. Logo, seria alógico considerar dados retirados de formulários, de tarefas de resoluções de problemas ou de qualquer outras manifestações que não a empírica, uma vez que o uso efetivo da língua manifesta-se somente por meio de dados espontâneos. A esse respeito, Silva (2008, p. 57) acrescenta ainda que:

[...] o interesse pelas diferenças sociais e culturais leva-a ao interesse pela variação linguística e o interesse pela variação sociolingüística leva-a inevitavelmente a uma metodologia baseada em dados de corpus. [...] o reconhecimento dos aspectos sociais da linguagem implica uma metodologia empírica de observação do uso dos dados e a forma mais natural de os encontrar é em corpora textuais representativos.

É importante salientar que nem sempre a metodologia empírica foi aceita nos estudos da Linguística Cognitiva, enfrentando resistência por parte de alguns teóricos.

Porém, ao ser introduzida em uma área de pesquisa específica, ela desempenha relevante papel e torna-se responsável por atividades de coleta de dados por meio de um método quantitativo e estatístico, o que permite formulações de hipóteses diante do fenômeno que se está pesquisando (Lima, 2014).

Os aspectos sociais e cognitivos são analisados, portanto, através de métodos típicos da sociolinguística laboviana, porém articula-se a esses métodos conceitos e princípios próprios da Linguística Cognitiva, como a noção de categorização associada a protótipos, *frames*, conceptualização, *embodiment*, espaços mentais, entres outros (Cavalcante; Martins, 2021).

Emerge, então, nesse contexto, um campo de pesquisa promissor para os estudos linguísticos, o qual busca dar maior destaque aos fenômenos variacionais da língua dentro da perspectiva do cognitivismo. Acerca disso, Croft (2009, p. 56) argumenta que a linguística sociocognitiva apresenta uma “alternativa psicologicamente mais realista às teorias formais da gramática e semântica, rejeitando a hipótese da modularidade, e considerando que a linguagem é uma parte integrada da cognição humana”. Ferrari (2018) argumenta, também, que a Sociolinguística Cognitiva incorporou métodos que são próprios da sociolinguística e da Linguística Cognitiva, classificando, assim, a variação linguística baseada no uso como um dos pilares fundamentais de suas investigações. Ela acrescenta, ainda, que essa nova vertente é capaz de articular fenômenos que não haviam recebido a devida atenção nas áreas as quais fazem parte.

Desse modo, essa nova vertente consegue preencher a lacuna epistemológica existente entre os estudos que consideravam o cognitivo sem o social ou o social sem o cognitivo. Ao mesmo tempo, a SC amplia os campos de investigação e exige uma nova postura diante do tratamento dado a linguagem. Quanto a isso, Silva (2009, p.212) complementa:

[...] a Sociolinguística Cognitiva vem contribuir para, e citando a expressão de Croft (2009), uma Linguística Cognitiva social. Ela vem resolver as tensões temáticas e metodológicas existentes no seio da Linguística Cognitiva, entre o ‘cognitivo’ e o ‘social’ e o ‘cognitivo’ e o ‘empírico’. Ela vem mostrar que as capacidades cognitivas linguísticas se constroem e existem em função da interação social.

De acordo com Silva (2012), o significado não existe de maneira isolada, apenas em mentes individuais, mas é construído e transmitido na interação social. Logo, a forma como um falante conceptualiza uma palavra ou um gesto varia de acordo com as experiências dele no mundo e, por conseguinte, com a Comunidade de Prática a qual esse indivíduo faz parte, mais um conceito basilar da presente pesquisa. Segundo Eckert (1998), quando um grupo de pessoas se juntam em função de algum objetivo e, dessa maneira, compartilham traços característicos de determinados grupos sociais,

como os gestos, os valores, as crenças e até mesmo a fala, tem-se constituída uma comunidade de prática.

Em tese, “significado e linguagem envolvem não simplesmente cognição (tradicionalmente entendida como individual), mas o que recentemente se tem reinterpretado, em Linguística Cognitiva e noutras ciências cognitivas, como *cognição situada social e culturalmente*” (Silva, 2012, p. 168). A cognição é *situada*, porque a atividade cognitiva tem sempre o seu espaço em um contexto sociocultural, tendo, por conseguinte, a comunidade de prática um papel fundamental nesse processo de significação.

Com base nessa discussão, torna-se possível, por fim, definir o objeto principal da Sociolinguística Cognitiva como a variação dentro de uma língua, em outros termos, “a variação lectal em todas as suas formas e dimensões” (Silva, 2009, p.200). Com isso, a pesquisa dentro dessa vertente de estudos busca entender até que ponto o uso de uma língua, em diferentes grupos sociais e comunidades de prática, é determinado “por diferentes conceptualizações, diferentes preferências lexicais e gramaticais e diferenças na saliência de conotações particulares” (Silva, 2009, p.200).

### 3 Metodologia

À princípio, é importante explicar que a Sociolinguística Cognitiva se configura como uma metateoria, um modelo integrador que se beneficia de conceitos e pressupostos teóricos e metodológicos de diferentes disciplinas na configuração de seu escopo de observação e análise dos fenômenos linguísticos (FERNÁNDEZ, 2012). Como buscamos aqui adotar um modelo baseado no uso, a metodologia escolhida não pode desconsiderar o social e o empírico, uma vez que a própria natureza da sociolinguística cognitiva busca analisar a língua em situações reais de uso na sociedade.

Em decorrência disso, o presente trabalho resulta de uma pesquisa de campo, realizada na comunidade Quilombola Castainho, localizada em Garanhuns – PE, onde buscou-se realizar entrevistas com o objetivo de descrever o caráter variacional dos gestos emblemáticos. Os dados aqui coletados foram analisados de modo quantitativo e qualitativo, a fim de melhor descrever e entender os resultados. A seguir, apresenta-se detalhadamente os objetivos delimitados na pesquisa.

#### 3.1 corpus da pesquisa

O *corpus* da presente proposta de pesquisa é formado por 25 gestos emblemáticos de maior frequência de ocorrência no PB, alguns deles foram baseados

no vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=zUxubuDkPw4>, cujo significado e contexto de uso serão avaliados metalinguisticamente por uma amostra formada por 08 sujeitos, estratificados em comunidade de prática (quilombola), sexo (feminino e masculino) e escolaridade (baixa e alta).

### 3.2 coleta de dados

O principal instrumento do protocolo de coleta de dados foi um vídeo gravado previamente com a Profa. Ma. Sirlene Vieira de Souza, docente de Libras da Universidade de Pernambuco, que realizou os 25 gestos emblemáticos selecionados para o *corpus*, sem qualquer tipo de áudio permitido na gravação, apenas a realização dos gestos emblemáticos.

É válido salientar que, para a realização desta pesquisa, foram adotados todos os protocolos exigidos pelo Comitê de Ética e Pesquisa, estando este trabalho em apreciação ética pelo Centro Integrado de Saúde Amaury de Medeiros - CISAM/UPE, sob o número de registro 32678820.0.0000.5191.

### 3.3 Perfil dos participantes

Dessa forma, pensando nos participantes da pesquisa, foram adotados os seguintes critérios de seleção:

**Quadro 1 – Critérios de seleção**

Comunidade de prática	Critério de inclusão	Critério de exclusão
Quilombola	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Maior de 18 anos;</li> <li>• Morar na comunidade investigada;</li> <li>• Estar disponível para as entrevistas e gravações;</li> <li>• Corresponder às estratificações apresentadas no quadro anterior.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ter morado fora da comunidade de origem por mais de 1 ano;</li> <li>• Recusar assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.</li> </ul>

**Fonte:** autoria própria

Para a obtenção do tipo de dado previsto, uma amostra estratificada foi considerada na seleção dos participantes da pesquisa em procedência, comunidade de prática, sexo e escolaridade.

O projeto contou com uma amostra formada de 08 participantes, cujo perfil e distribuição são descritos no quadro abaixo:

**Quadro 2 - Amostra estratificada do corpus - Perfil dos 08 participantes**

Comunidade de prática	Sexo	Escolaridade	Total
Quilombola (8)	Feminino (4)	Alta	2
		Baixa	2
	Masculino (4)	Alta	2
		Baixa	2

**Fonte:** autoria própria

No tópico referente à análise dos dados, utilizou-se códigos para se referir aos participantes da pesquisa. A primeira letra é um J, que se refere a Juiz (o participante). Em seguida, coloca-se um número para diferenciar cada juiz. Logo após, tem-se as letras PEQ, referentes ao estado e à comunidade de prática: Pernambuco e Quilombola. Por fim, coloca-se as iniciais para o sexo e a escolaridade, a saber: M para masculino, F para feminino, A para escolaridade alta e B para escolaridade baixa. Sendo assim, um exemplo de um código do participante seria: J17PEQMA.

### 3.4 Protocolo da coleta de dados

Durante a coleta de dados, o vídeo foi projetado aos participantes, agrupados em dois, por vez, com o mesmo perfil, ambos em pé, em uma sala de ambiente fechado para facilitar a coleta de dados, pois as suas respostas foram gravadas em vídeo também. Em seguida, uma sequência de 5 perguntas foram direcionadas aos participantes. Uma vez projetado o gesto, o pesquisador realizou o seguinte roteiro de perguntas:

- 1) se os participantes conhecem o gesto visualizado;
- 2) se os participantes conhecem o seu significado.

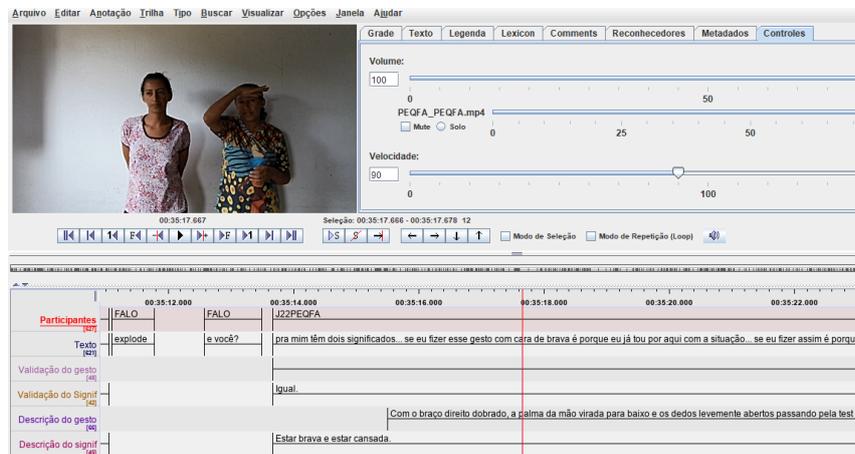
Uma vez havendo coincidência entre as respostas dos participantes e o significado previsto do gesto visualizado, passa-se a outro gesto emblemático e assim até o final. Entretanto, se o(s) participante(s) não conhece(m) o gesto visualizado e/ou fornecem uma resposta de significado destoante do significado original previsto, o pesquisador deve perguntar:

- 3) se o(s) participante(s) nunca viu/viram o gesto antes;
- 4) se o(s) participante(s) usa(m) outro gesto para aquele mesmo significado;
- 5) se o gesto visualizado possui outro significado e contexto de uso na comunidade de prática do(s) participante(s).

Após a coleta do material de análise, todos os dados foram transcritos por meio do *software* ELAN (EUDICO *Linguistis Annotator*), desenvolvido pelo Instituto Max Planck de Psicolinguística. Esse software permite ao pesquisador fazer uma transcrição detalhada dos vídeos, pois ele traz em sua interface espaços para realizar múltiplas anotações, além, é claro, de uma janela específica para exibição do vídeo.

Logo abaixo, ficam disponíveis algumas linhas, denominadas “trilhas”, que podem ser usadas para transcrever as falas dos participantes, anotar observações de caráter contextual ou para outra finalidade específica do pesquisador. Tudo isso contribui para que a análise linguística dos dados ocorra de maneira bastante eficaz.

**Figura 1 – ELAN, transcrição dos dados**



**Fonte:** elaborado pelos autores

A utilização do vídeo para a coleta de dados teve duas finalidades: a) obter a avaliação metalinguística do participante sobre o significado e o contexto de uso do gesto visualizado e; b) induzir os participantes a fornecer outros gestos emblemáticos relacionados ao gesto visualizado, quando for o caso. Uma vez os dados coletados, realizamos a catalogação das respostas dos participantes de acordo com as categorias de Matsumoto e Hwang (2013).

Após todas as informações estarem transcritas no ELAN, foi elaborada uma planilha com o objetivo de detalhar os dados que servirão para posterior análise no programa estatístico -R (neste trabalho focamos, apenas, na análise multimodal e variacional dos gestos emblemáticos, através do ELAN) e, também, servirão para uma compreensão global das categorias que norteiam o processo analítico dos gestos emblemáticos em contexto intracultural.

## 4 Resultados e discussões

A análise dos dados divide-se em dois aspectos: (1) um olhar para a variação do gesto em relação à variante e (2) um olhar para a variação dos gestos em relação ao significado.

### 4.1 variação do gesto em relação à variante

No primeiro caso, o indivíduo atribui o mesmo significado do gesto alvo, mas apresenta outras realizações, ou seja, apresenta alguma ou algumas variantes.

**Figura 2** – Exemplo de variantes encontradas



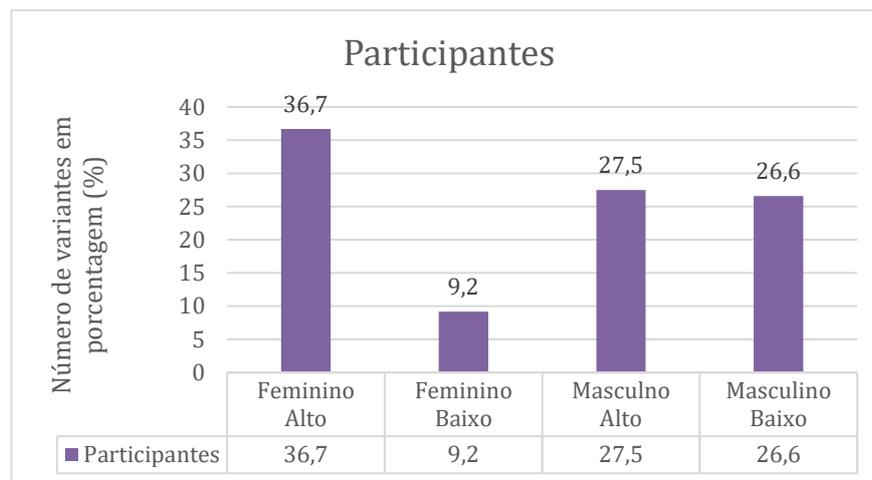
**Fonte:** elaborado pelos autores

Uma questão importante a se mencionar acerca dos resultados obtidos diz respeito à importância dos fatores contextuais e sociais, uma vez que a produção do vocabulário emblemático está intimamente relacionada à Comunidade de Prática do indivíduo. Além desses, vale salientar como as manifestações não verbais, tais quais os gestos corporais e as expressões faciais, constituem importantes elementos de comunicação.

Ao transmitir o vídeo com os gestos para os participantes, nós tomamos o cuidado para não deixar transparecer as expressões faciais, visando uma coleta de dados em que os participantes levassem em consideração apenas a realização do gesto, sem que qualquer elemento de outra categoria influenciasse em suas respostas. No entanto, observou-se que, ao realizar as variantes gestuais, todos os participantes imprimiam junto a ela a suas marcas de personalidade, com as expressões faciais. Em um dos casos, a participante J22PEQFA, afirmou que o significado de um dado gesto poderia alternar de sentido drasticamente a depender da expressão que seja feita junto ao movimento gestual, o que nos mostra a dimensão da carga semântica que é expressa pelas ações não verbais.

Analisando quantitativamente as variantes, obtivemos um total de 109 realizações para os 25 gestos apresentados. Os homens foram responsáveis por 54% das ocorrências, enquanto as mulheres, 46% do total de realizações. Ao relacionar as estratificações de sexo e de escolaridade, obtivemos os seguintes percentuais:

**Gráfico 1** – Percentuais de realização das variantes considerando as estratificações



**Fonte:** elaborado pelos autores

Observamos, assim, que os juízes de escolaridade alta, independente do sexo, são os que mais apresentaram variantes para os gestos selecionados. A nossa hipótese é que isso ocorra em decorrência da interação desses participantes em contextos sociais diferentes da comunidade em que vivem. Considerando que tiveram que sair frequentemente para escolas, universidades ou trabalhos, eles, possivelmente, assimilaram elementos outros não tão comuns àqueles que saem com uma menor frequência.

Em decorrência dos resultados analisados, é possível defender a tese de que os gestos emblemáticos apresentam heterogeneidade em relação a seu uso na comunidade de prática investigada. Como pudemos observar, houve uma pluralidade de realizações, configurando-se como variantes, em quase todos os gestos apresentados. Todo o corpus da presente pesquisa pode ser acessado no banco de dados disponível no site <http://gestosemblematicos.geadlin.com/>. No referido endereço eletrônico encontra-se não apenas dados da comunidade Quilombola Castanho, mas também os dados obtidos na pesquisa de Oliveria (2022), o qual catalogou e comparou os usos dos emblemas em Comunidades de Prática Alagoanas e Pernambucanas. A seguir, discutiremos como se deu a variação em relação ao significado dos gestos, segundo viés de análise dos nossos dados.

#### **4.2 variação dos gestos em relação ao significado**

No segundo aspecto da análise – variação do gesto em relação ao significado – construímos uma tabela no Excel para tabular as respostas dos participantes. Nesse caso, consideramos como variação de significado todas as vezes em que o participante validava o gesto alvo, mas apresentava outra significação para o que visualizava, discordando, assim, daquela que fora atribuída em nossa pesquisa ou concordando e

apresentando também mais um ou alguns outros significados que se encaixassem naquela situação comunicativa. Logo abaixo encontra-se um recorte dos dados obtidos na coleta.

**Quadro 3** – variação no significado dos gestos

Gesto	Significado Base	Participante (que registrou a variante)	Variação do significado
GDP03	Despedida	J18PEQMA	Chamar atenção
GVZ05	vazar	J21PEQFA	Bajulação
GVZ05	vazar	J19PEQMB	Peneirar
GVZ05	vazar	J20PEQMB	Peneirar
GPP08	Pedir para parar	J23PEQFB	Esperar
GCT09	Cotoco	J19PEQMB	Vá pra o inferno
GVG10	Vagina	J23PEQFB	Coração
GVG10	Vagina	J20PEQMB	Triângulo
GPI11	Pouco Importa	J19PEQMB	Acabou
GPI11	Pouco Importa	J20PEQMB	Acabou
GPI11	Pouco Importa	J19PEQMB	não sei
GPI11	Pouco Importa	J20PEQMB	não sei

**Fonte:** elaborado pelos autores

Todos os oito participantes informaram que o gesto para representar “muito bom” tinha a significação de “reprender”, mostrando um padrão na compreensão dos participantes. Além desse, o gesto de “vitória” apresentou variações no significado para sete participantes, porém, ao contrário do anterior, as respostas não foram padronizadas, mas variadas. Obtivemos cinco diferentes significações para esse gesto alvo.

**Quadro 4** – variação no significado dos gestos “vitória” e “muito bom”

Gesto	Significado Base	Participante (que registrou a variante)	Variação do significado
GVT14	Vitória	J17PEQMA	Coisa positiva
GVT14	Vitória	J22PEQFA	Joia e legal
GVT14	Vitória	J21PEQFA	Joia e legal
GVT14	Vitória	J19PEQMB	Vai e volta
GVT14	Vitória	J20PEQMB	Vai e volta
GVT14	Vitória	J21PEQFA	Paz
GMB18	Muito bom	J21PEQFA	Reprender
GMB18	Muito bom	J22PEQFA	Reprender
GMB18	Muito bom	J17PEQMA	Reprender/puxão de orelha
GMB18	Muito bom	J18PEQMA	Reprender/puxão de orelha

GMB18	Muito bom	J19PEQMB	Repreender/puxão de orelha
GMB18	Muito bom	J20PEQMB	Repreender/puxão de orelha
GMB18	Muito bom	J23PEQFB	Repreender/puxão de orelha
GMB18	Muito bom	J24PEQFB	Repreender/puxão de orelha

**Fonte:** elaborado pelos autores

Gestos como o de “pedir para falar” e o de “dúvida” também registraram muitas variações, cinco e seis, respectivamente. Ademais, foi possível observar, mais uma vez, a relação estabelecida entre os elementos gestuais e o contexto social de cada indivíduo, o que evidencia que cada grupo social estabelece seu próprio vocabulário gestual, atribuindo significado para cada gesto em decorrência de suas experiências pessoais. Para o gesto de vazar, por exemplo, um dos juízes atribuiu o significado de “estar peneirando alguma coisa”, provável referência a algo próximo de seu convívio social. Da mesma forma, um dos participantes atribuiu ao gesto de “vitória” o sentido de cobrar algo que foi emprestado: “são dois Vs, **Vai e Volta**”. O que corrobora, mais uma vez, a perspectiva de que o processo de conceptualização está intimamente relacionado à vivência cultural do indivíduo.

## 5 Considerações Finais

Evidencia-se, por fim, que os gestos emblemáticos são utilizados pelos falantes durante uma interação comunicativa com o objetivo de transmitir uma mensagem, expressando, assim, seu pensamento. Tudo isso corrobora para a defesa de que o nosso pensamento é corporificado. Nesse sentido, podemos defender a existência de uma relação interdependente entre a linguagem e o uso dos gestos, visto que ambos são processados por um sistema neural comum no cérebro (Xu et al, 2009).

Além disso, é importante mencionar que os fatores contextuais e sociais estabelecem importante papel no uso e, conseqüentemente, na catalogação dos emblemas, pois é por meio da comunidade de prática que o indivíduo conceptualiza, internaliza, faz uso e decodifica os múltiplos sentidos que são atribuídos a um gesto. Logo, a convivência em um determinado grupo social influencia diretamente na forma como as palavras são conceptualizadas e categorizadas na nossa mente e, por conseguinte, na forma como o nosso corpo exterioriza os pensamentos.

Outrossim, é inevitável considerar o processo de variação nos estudos de cunho cognitivista, no nosso caso com estudos sobre os gestos. Sabemos, pois, que a variação é consequência direta do uso da linguagem em situações comunicativas reais,

como os gestos são também formas de interagir comunicativamente, eles são, portanto, passíveis de variação.

Com o mapeamento na comunidade de prática Quilombola Castainho – PE, nós conseguimos catalogar todas as realizações gestuais apresentadas pelos juízes participantes da pesquisa. Além disso, graças ao trabalho desenvolvido pelo Prof. Dr. Fernando Oliveira – o qual buscou descrever, catalogar e construir um corpus multimodal de gestos emblemáticos em comunidades de prática dos estados de Pernambuco e Alagoas – desenvolvemos um Banco de Dados que contém todas as variantes apresentadas nestas pesquisas. O site que hospeda os dados encontrados pode ser acessado pelo seguinte link <http://gestosemblematicos.geadlin.com/>.

Assim, foi possível confirmar que a categorização proposta por Matsumoto e Hwang (2013), para os gestos emblemáticos estudados interculturalmente, se aplicam parcialmente às pesquisas sobre os gestos dentro de uma mesma cultura. Com a utilização dos pressupostos metodológicos definidos neste trabalho, conseguimos identificar a existência de gestos emblemáticos diferentes para um mesmo significado. Nesse caso, foram registradas, no total, 109 variantes para os 25 gestos apresentados. Assim como, foi possível verificar que há diferentes significações atribuídas a um mesmo gesto, registramos 50 variações de significado para os 25 gestos-alvo. Não obtivemos, nesta pesquisa, emblemas culturalmente únicos, possivelmente porque a nossa pesquisa não focalizou um estudo numa perspectiva intercultural. Entretanto, como delimitamos os nossos objetivos apenas nas duas primeiras categorizações, se pode afirmar que a metodologia foi suficientemente eficaz para alcançar o que foi proposto.

Por fim, reafirmamos a necessidade de continuação e ampliação desta pesquisa, visando englobar aspectos que não foram incluídos em nosso recorte de análise. Por exemplo, até que ponto as feições são necessárias para a validação do significado dos gestos? Até que ponto o contexto de realização dos gestos é importante para a validação do seu significado? Existe algum padrão na variação dos gestos a depender da comunidade de prática investigada? Existe algum padrão na variação dos gestos a depender do sexo e escolaridade?

Dessarte, evidenciamos a necessidade de se continuar desenvolvendo pesquisas que estudem os gestos numa perspectiva intracultural, uma vez que tais pesquisas contribuem para a ampliação do acervo de estudos linguísticos no Brasil. Dessa forma, melhor se aproveitará tudo o que os estudos da linguística sociocognitiva têm como contributo para as pesquisas de cunho descritivistas no âmbito da linguagem.

## Referências

- BROID, N. (1977). **Israeli emblems**: Israeli communicative units, Unpublished doctoral dissertation. Tel Aviv, Israel: University of Tel Aviv, 1997.
- BROOKS, H. **A repertoire of South African quotable gestures**. *Journal of Linguistic Anthropology*, 14(2), 186–224, 2004.
- CAVALCANTI, M. S.; MARTINS, F. S. **Sociolinguística Cognitiva**: um outro olhar para a variação linguística. *Muiraquitã: revista de letras e humanidades*, Acre, v. 9, n. 1, p. 156-179, mai. 2021.
- CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. **Sociolinguística**. In: MARTELOTTA, M. E. Martelotta, (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2018. p. 141-155.
- COAN, M.; FREITAG, R. M. K. **Sociolinguística Variacionista**: pressupostos teórico-metodológico e propostas de ensino. *Domínios de Linguagem*, 4(2). p.173-194, 2010.. Disponível em: [www.seer.ufu.br/index.php/dominiodelinguagem/article/.../6863](http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiodelinguagem/article/.../6863). Acesso em: 25 jul. 2022.
- COELHO, I. L. *et. al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- CROFT, W. *Toward a social cognitive linguistics*. In: EVANS, V.; STÉPHANIE, P. (org.). *New directions in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 395-420.
- DIRVEN, R.; FRANK, R.; PUTZ, M. **Cognitive Models in Language and Thought: Ideology, Metaphors, and Meanings**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.
- DUQUE, P. H.; COSTA, M. A. **Linguística Cognitiva**: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos e categorização de experiências. Natal, RN. EDUFRN, 2012.
- ECKERT, P.; McCONNELL-GINET, Sally. **Communities of practice**: where language, gender and power all live? In: COATES, J. *Language and Gender: a reader*. Oxford: Blackwell, p. 484-494, 1998.
- EVERETT, D. L. **Linguagem**: a história da maior invenção da humanidade. Tradução de Maurício Resende. São Paulo: Contexto, 2019.
- FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2018.
- GEERAERTS, D.; GRONDELAERS, S.; SPEELMAN, D. **Convergentie en Divergentie in de Nederlandse Woordenschat**. Een onderzoek naar kleding- en voetbaltermen. Amsterdam: Meertens Instituut, 1999.
- GEERAERTS, D. **Cognitive Linguistics**: Basic Readings. Katholieke Universiteit Leuven, Belgium, p. 29-67. 2008.

GOLDIN-MEADOW, S. **The role of gesture in communication and thinking.** Trends Cogn Sci 3:419–429, 1999.

HOLLAND, D.; QUINN, N. (Eds.). **Cultural Models in Language and Thought.** Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

IAGALLO, P. O. **Cognição e conceptualização do tempo:** o processo da significação do tempo linguístico de alguns enunciados em língua portuguesa. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – UNESP, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2017.

JOHNSON, H. G., EKMAN, P.; FRIESEN, W. **Communicative body movements:** American emblems. Semiotica, 15(4), 335–353, 1975.

KENDON, A. **Some recent work from Italy on quotable gestures (“emblems”).** Journal of Linguistic Anthropology, 2(1), 72–93, 1992.

KENDON, A. **Gestures as illocutionary and discourse structure markers in Southern Italian conversation.** Journal of Pragmatics, 23, 247–279, 1995.

KENDON, A. **Gesture.** Annual review of anthropology, 26, 109–128, 1997.

KENDON, A. **Gesture:** visible action as utterance. Cambridge; New York: Cambridge Univ. Press, 400 p., 2004.

KENEDY, E. Gerativismo. In: **Manual de linguística.** MARTELOTTA, M. E. São Paulo: Contexto, 2018. p. 127 – 140.

KINSBOURNE, M. **Gestures as embodied cognition:** A neurodevelopmental interpretation. Gesture, 6(2), 205–214, 2006.

KITA, S. **Cross-cultural variation of speech-accompanying gesture:** A review. Language and Cognitive Processes, 24(2), 145–167, 2009.

KRISTIANSEN, G. **How to do things with allophones:** Linguistic stereotypes as cognitive reference points in social cognition. In: DIRVEN, R.; FRANK, R.; PUTZ, M. (org.). *Cognitive Models in Language and Thought: Ideologies, Metaphors, and Meanings.* Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 69-120.

KRISTIANSEN, G; DIRVEN, R. (Ed.). **Cognitive Sociolinguistics:** Language Variation, Cultural Models, Social Systems. Berlin/NewYork: Mouton de Gruyter, 2008.

LABOV, W. (1972). **Padrões sociolinguísticos.** Trad. BAGNO, M.; SCHERRE, M. M. P.; CARDOSO, C. R. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the Flesh:** The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar**, Vol. 1: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LASCARIDES, A., & STONE, M. **A formal semantic analysis of gesture**. *Journal of Semiotics*, 26, 393–449, 2009.

LIEBAL, K., PIKA, S., & TOMASELLO, M. **Social communication in siamangs (*Symphalangus syndactylus*): Use of gestures and facial expressions**. *Primates*, 45(1), 41–57, 2004.

LIMA, L. A. S. **Implicações da sociolinguística cognitiva: análise de aspectos de categorização em diálogos espontâneos**. In: GELNE. 2014, Rio Grande do Norte. Anais da XXV Jornada Nacional do GELNE. Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2014.

LINDENBERG, R.; UHLIG, M.; SCHERFELD, D.; SCHLANG, G.; SEITZ, R. J. **Communication with emblematic gestures: Shared and distinct neural correlates of expression and reception**. *Human Brain Mapping, Wiley Periodicals, INC*; p. 812-823, 2012.

MARTELOTTA, M. E.; PALOMANES, R. *Linguística Cognitiva*. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2018.

MATSUMOTO, D.; HWANG, H. C. **Cultural similarities and differences in emblematic gestures**. *Journal of Nonverbal Behavior*: Springer. DOI: 10.1007/s10919-012-0143-8. Vol. 37, number 1, p. 1-27, march 2013.

MCNEILL, D.; LEVY, E. **Conceptual representations in Language activity and gesture**. In: JARVELLA, Robert; KLEIN, Wolfgang (Org.). *Speech, Place and Action*. Chichester: Wiley and Sons, 1985.

MCNEILL, D. **Hand and mind: what gestures reveal about thought**. Chicago/London: University of Chicago Press, 1992.

MORRIS, D., COLLETT, P., MARSH, P., & O'SHAUGHNESSY, M. **Gestures: Their origins and distribution**. New York: Scarborough, 1980.

PETTENATI, P., SEKINE, K., CONGESTRI, E., & VOLTERRA, V. **A comparative study on representational gestures in Italian and Japanese children**. *Journal of Nonverbal Behavior*. DOI: 10.1007/s10919-011-0127-0, 2012.

POGGI, I. **Symbolic gestures: The case of the Italian gestuary**. *Gesture*, 2(1), 71–98, 2002.

POORTINGA, Y. H., SHOOTS, N. H., & VAN de KOPPEL, J. M. **The understanding of Chinese and Kurish emblematic gestures by Dutch subjects**. *International Journal of Psychology*, 28(1), 31–44, 1983.

SILVA, A. S. **Sociolinguística Cognitiva: razões e escopo de uma nova área de investigação linguística**. *Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos* 13-1, 2009a.

SILVA, A. S. **Cognitivo e o Social nos estudos linguísticos**: inimigos ou íntimos? Textos selecionados. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2009b, p. 511-525.

SILVA, A. S. **Da Sociolinguística variacionista à sociolinguística cognitiva**: panorama e perspectivas. *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*. Revista Philologus, Ano 20, nº 58, Rio de Janeiro: CIFEFIL, jan./abr., 2014, p. 44-63.

SPARHAWK, C. M. P. **Linguistics and gesture**: An application of linguistic theory to the study of Persian gestures, Unpublished doctoral dissertation. Ann Arbor, MI: University of Michigan, 1976.

TALMY, L. **Toward a Cognitive Semantics**. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.

TOMASELLO, M., CALL, J., WARREN, J., FROST, G. T., CARPENTER, M., & NAGEIL, K. **The ontogeny of chimpanzee gestural signals: A comparison across groups and generations**. *Evolution of Communication*, 37, 223–259, 1997.

XU, J., GANNON, P. J., EMMOREY, K., SMITH, J. F., & BRAUN, A. R. **Symbolic gestures and spoken language are processed by a common neural system**. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 106(49), 20664–20669, 2009



## When the body speaks: mapping emblematic gestures in the community of practice Quilombola Castainho, Garanhuns – PE

---

### ABSTRACT:

The present research studies the description of emblematic gestures in an intracultural context. Emblems are types of gestures that can be performed with or without the presence of speech, as they have their own meaning and can function as an utterance (KENDON, 2004). This research is based on the theoretical assumptions of Cognitive Sociolinguistics, a linguistic aspect that emerges from the need to recognize the socially interactive nature of language and that is interested in studying the multiple conceptual relationships between language and culture (SILVA, 2009). Therefore, the objective of this proposal is to catalog and organize, in a database, the emblematic gestures performed in Brazilian Portuguese not yet described or categorized in gesture studies. The methodological proposal adopted here is inspired by the works developed by Matsumoto and Hwang (2013); Lindenberg *et al* (2012), who cataloged and compared emblematic gestures between different cultural groups. The corpus of this work is formed by 25 emblematic gestures with the highest frequency of occurrence in Brazilian Portuguese, whose meaning and context of use were evaluated metalinguistically by 08 speakers from the Quilombola Castainho community of practice, from Garanhuns – PE. The results showed us that there are variants for a given gesture, that is, different emblems assuming the same meaning. In this case, 109 variants were registered for the 25 gestures presented. In addition, it was possible to verify that there are different meanings attributed to the same gesture, we recorded 50 variations of meaning for the 25 target gestures. Finally, the online availability of the database, which contains all records, enables the development of future works on emblematic gestures, which contributes to the insertion of another relevant research topic in descriptive studies.

---

### KEYWORDS:

Cognitive Sociolinguistics;  
Gestural Language;  
Emblematic Gestures;  
Intracultural analysis;  
Community of Practice.